

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: A Gazeta

Class.: Cinta Larga

Data: 29/12/90

Pg.: CLRΦΦ221

# Garimpo pode deixar população sem água

Edição de Arto

*Corrida ao diamante na região noroeste provoca assoreamento do rio Aripuanã*

**Montezuma Cruz**  
Da Redação

A falta de água potável tornou-se uma grave ameaça às populações de Matupá e Aripuanã, nas regiões norte e noroeste de Mato Grosso. Os cerca de 10 mil habitantes de Aripuanã, a 1.196 quilômetros de Cuiabá, estão sofrendo em consequência da má qualidade das águas do rio, cujos afluentes sofrem com o lamaçal produzido por garimpos de diamantes às suas margens.

O problema começou há pouco mais de três anos, quando ocorreu uma nova febre mineral na região noroeste mato-grossense. Hoje, com aproximadamente 30 mil homens movimentando pás, picaretas, dragas, motores e mangueiras, a situação piorou e só não foi ainda decretado o estado de calamidade pública, porque a população vem se abastecendo num pequeno córrego.

De acordo com técnicos da Companhia de Saneamento de Mato Grosso (Sanemat) e da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) — que incorporou a extinta Fundação Sesp, a situação de Aripuanã repete a de Matupá, a quase 800 quilômetros da Capital, onde os garimpos de ouro praticamente eliminaram a possibilidade de um bom abastecimento d'água.

Em Matupá, a antiga Fsesp perfurou para testes, nos últimos cinco anos, seis poços. Grande parte do lençol desses poços foi contaminada por mercúrio despejado na região por garimpeiros. A exemplo desse município, a corrida desen-

freada ao diamante na região noroeste, provoca também o assoreamento do rio Aripuanã e poderá acarretar outros danos igualmente graves. Um deles seria a extensão do fenômeno até a área onde será erguida a barragem de uma usina hidrelétrica, dentro das terras dos índios Cinta-larga, em Juína, a 805 Km de Cuiabá.

A última denúncia sobre as ameaças iminentes causadas pelos garimpos de diamante foi feita em Cuiabá na semana passada, pelo representante da Operação Anchieta (Opan), João Dal Poz Neto, durante a última reunião deste ano, do Conselho Estadual de Meio Am-

biente. Ele sugeriu ao presidente do órgão e secretário de meio ambiente, Yenes Jesus de Magalhães, uma rápida e enérgica intervenção contra a devastação em Aripuanã, alertando-o de que a ação das dragas está arrasando com mananciais.

— A busca aos diamantes é frenética: os garimpeiros já degradaram os córregos Duas Barras, Mutum e Cinta-larga. Agora, prepararam-se para se instalar no rio 21 — advertiu João Dal Poz Neto. A Opan preparou minucioso relatório para subsidiar outra entidade que estuda os crimes contra as águas em Mato Grosso: a União Protetora do Ambiente Natural (Upan), de São Leopoldo (RS).

## Opan relata a situação dos índios Cinta-larga

Da Redação

O rio Aripuanã corre o risco de contaminar-se definitivamente. Seu leito foi totalmente revirado, e nos seus tributários da margem esquerda o assoreamento vai se tornando implacável. A degradação, segundo levantamentos da Opan, começou agravar-se em 1988, tornando as águas da região impróprias para o consumo humano. Aripuanã, 150 Km a jusante, e a comunidade dos índios Cinta-larga, em Serra Morena, são os mais prejudicados.

Ao redor de Aripuanã, os velhos cartões de visita do norte mato-grossense também foram comprometidos: as cachoeiras Dardanellos e Andorinhas, com cerca de 100 metros de altura, ficaram completamente enlameadas.

João Dal Poz Neto alertou as autoridades ambientais para recla-

mações dos índios Cinta-larga contra a ação dos garimpeiros. A comunidade de Serra Morena sequer tem condições de beber água do rio que margeia a aldeia, e também não pode banhar-se nele, devido ao excesso de micoses.

— Os índios nos informaram que até peixes estão desaparecendo. O que torna inútil qualquer tentativa de pesca naquela área. O resultado disso é um sério prejuízo à dieta alimentar dos Cinta-larga — alegou.

O rio Aripuanã perfaz o contorno do Parque Indígena do Aripuanã e da Área Indígena Serra Morena, habitadas por Cinta-larga e outras tribos. Como agravante, a aproximação dos garimpeiros do rio 21 traz perigo à Estação Ecológica do Iquê-Juruena e da Área Indígena Salumã, onde vive o povo Enaunenê-nauê.